



Ficha de Pesquisa

Perpetivas para o futuro: a sala de aula Invertida

Tronco do módulo/ D

1/ Âmbito

Esta ficha focará o que pode ser uma das soluções metodológicas mais apropriadas para lidar com problemas educativos relacionados com as Necessidades Educativas Especiais (NEE). A sala de aula invertida.

2/ Desenvolvimento – demonstração

esta ficha pretende provocar o pensamento sobre a urgência de criar um contexto – uma escola positiva e acolhedora – que promova o sucesso académico e social dos alunos através de escolhas eficazes do planeamento. Metodologia, organização e pedagogia.

De facto, responde a uma necessidade mais complexa: ser capaz de mudar o “modo de fazer a escola” para acompanharmos os nossos tempos e ir ao encontro das necessidades das crianças.

A sala de aula invertida (1) é um sistema que consiste em reverter, através do uso de tecnologias pedagógicas, o esquema tradicional de ensino/aprendizagem e a relação professor/aluno daí resultante.

Os materiais de ensino são transferidos para o ambiente virtual do “grupo turma” em várias formas digitais e de linguagem. Para aprofundar um conteúdo ou tema, os textos escritos já não são a única fonte, há também o áudio, vídeo, simulações e materiais disponíveis na internet.

Estes materiais podem ser explorados pelos alunos sozinhos ou em grupo “fora da sala de aula”, em casa, na biblioteca ou noutros locais informais de reunião.

Enquanto estão na sala com o professor, os conteúdos “aprendidos” através da tecnologia tornam-se o objeto de atividades cooperativas com o objetivo de por o conhecimento adquirido



“em movimento”. **A sala de aula já não é o local de transmissão de noções mas o espaço de trabalho e discussão onde se aprende a usá-las pra confrontar os pares e o professor.** Na verdade, logo que o professor escolha um tema para ser explorado e transferido o material relevante de uma plataforma de e-learning, ele diz aos alunos quais os tópicos e conteúdos a estudar ou aprofundar antes da atividade da turma dedicada a este tema. Deste modo, a localização tradicional é “invertida” e pode-se dizer que é uma “sala de aula invertida”.

Esta metodologia de ensino tem origem no mundo Anglo-Saxónico – que está cada vez mais atento ao ensino laboratorial e “através da experiência” – e têm-se propagado especialmente nos Estados Unidos, onde durante anos têm sido digitalmente infraestruturados os sistemas e-learning, baseados nos sistemas de aula virtual.

A dinâmica do processo educativo acontece do seguinte modo: os professores preparam materiais em profundidade com o *Ambiente De Aprendizagem Virtual* adoptado pela escola. Os alunos exploram o tema proposto antes da aula, em casa, para libertar o tempo da aula expositiva e deixar tempo para uma série de experiências de aprendizagem ativas que normalmente ocorrem em pequenos grupos. Esta ideia da sala de aula invertida, ou sala de aula “ao contrário”, está a ganhar cada vez mais popularidade e credibilidade fora dos Estados Unidos, mesmo nos ambientes educativos europeus, especialmente no norte da Europa.

Concretamente, pode-se dizer que a sala de aula se está atornar o local para trabalhar de acoro com o método cooperativo de *resolução de problemas* e para encontrar soluções para os problemas, para discutir e para realizar atividades em oficinas de trabalho e (real ou virtual) “experiências pedagógicas” que permitem a ativação do conhecimento, com a ajuda do “professor treinador”. Isto não é uma inovação radical do ponto de vista metodológico, mas uma aplicação, permitida pelas tecnologias, do *aprender fazendo*.

Deste modo, os estilos de aprendizagem dos alunos que, agora, são “nativos digitais” são valorizados e torna-se mais fácil personalizar a aprendizagem ao planear, dentro do ambiente virtual da aprendizagem, caminhos específicos de aprendizagem para os indivíduos ou grupos com necessidades especiais.

O aspeto mais interessante desta metodologia é o facto de que todo o quadro educativo é revisto para maximizar um recurso cada vez mais escasso na escola: o tempo do professor.

Resumindo, há dois modos de “invertir” o espaço educativo:

- O primeiro diz respeito ao facto das tecnologias digitais, através do uso dos ambientes web aprendizagem colaborativa, tornarem possível mover uma série de atividades fictícias “fora



do tempo da aula”, assim, liberta-se o tempo do professor para que ele/ela possa seguir de um modo mais direto os problemas de aprendizagem do aluno.

- O segundo consiste na possibilidade de gerar uma nova metodologia de aprendizagem que transforma a sala de aula numa pequena “comunidade de pesquisa” especialmente através do trabalho colaborativo.

A interação professor/aluno transforma-se radicalmente a partir do momento em que se reduz o tempo da “aula expositiva” e se aumenta proporcionalmente o tempo dedicado à resolução colaborativa de problemas, monitorização e apoio do trabalho do aluno, assim como o tempo dedicado ao “exame racional” dos resultados do trabalho de grupo, que foi feito coletivamente. Obviamente, que esta transformação da localização educativa muda profundamente o papel do professor, mas certamente que a “melhoria” não é reduzida. O professor, na realidade, será transformado, como foi dito acima, passará de um perito disciplinar para ter um maior número de competências, obviamente disciplinares, mas também será um perito pedagógico em tecnologias digitais, tais como tutoria, formação e orientação (cara a cara e online) dos seus alunos. De facto, ele está-se a tornar tanto um planificador educativo que estabelece o cenário educativo/tecnológico e que programa as atividades dos alunos (cara a cara e online), um perito em conteúdos disciplinares e, ao mesmo tempo, ele tem que se tornar um guia, um apoio para a construção do conhecimento colaborativo dos alunos. Assim, ele/ela age como um estímulo para promover a “aprendizagem significativa”.

expert in disciplinary content and, at the same time, he must become a guide,

Por outras palavras, o professor está a ajudar os alunos a desenvolver metodologias e práticas de aprendizagem que lhes permite adquirir verdadeiras competências na gestão dos conteúdos e não meras noções. Neste processo, claro, o papel do aluno também está a mudar e torna-se muito mais ativo. Com a adoção deste tipo de métodos ensino inovadores, o aluno torna-se cada vez mais um protagonista do processo de aprendizagem, e acima de tudo, torna-se mais responsável, através da colaboração com os seus pares, do progresso ou das dificuldades encontradas durante a aprendizagem. Isto não é uma simples “transição”, especialmente para os professores que, muitas vezes, não têm formação suficiente e portanto conhecimentos tecnológicos e metodológicos suficientes para implementar esta mudança.

Para os alunos, isto não é uma novidade: eles são “nativos digitais” (2). Para eles as ferramentas digitais, consolas de vídeo-jogos, smartphones e tablets são ferramentas do dia a dia. O problema para o professor e para toda a instituição de formação é reforçar estas competências de utilização das tecnologias digitais que adquiriram informalmente e através da socialização com os seus pares. É uma questão de transformar a sua *fluidez tecnológica* numa ferramenta para transmitir “conhecimento significativo”, tendo sempre em mente que “aprender” não é “brincar” e que a



fadiga de aprender não pode ser eliminada ao utilizar as ferramentas tecnológicas. O desafio é usar as capacidades tecnológicas que já têm, pondo-as ao serviço do ensino e da aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

(1) M.MAGLIONI, F.BISCARO, *La classe capovolta. Innovare la didattica con la flipped classroom*. In Le Guide Erickson, Trento 2014.

(2) P. FERRI, *Nativi digitali*, Bruno Mondadori, Milano 2011.